

Representação e movimento do sujeito no discurso do MST

The subject's representation and movement in a MST's discourse

Maria Cleci Venturini *

RESUMO: Nosso objeto de pesquisa é uma entrevista realizada com um líder e membro de um assentamento no interior do Paraná. Pelo discurso do MST, é possível dizer que o sujeito, em sua manifestação oral, se representa de diferentes formas: diz eu e se constitui como sujeito porta-voz, à medida que assume responsabilidade pelo dizer. Outras vezes, divide a responsabilidade com os demais membros do assentamento e utiliza a primeira pessoa do plural (nós). Em outras, ainda, emprega a terceira pessoa do plural (eles). Ancoramo-nos nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, teoria centrada não nos conteúdos dos textos, mas nos modos como se constituem efeitos de sentidos. Dessa perspectiva, entendemos que a interpelação ideológica e o atravessamento do inconsciente significam no modo como o sujeito se movimenta e se desloca na ordem do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Discurso. Memória. Identidade.

ABSTRACT: The object of our research is an interview with the leader and member of a settlement in the interior of Parana. The MST discourse enables to affirm that the subject in its oral materialities is represented in different ways: I say, it constitutes a spokesperson subject, as it takes responsibility for what it says. Sometimes it shares responsibility with other members of the settlement and, using the first person plural (we). In others times, he still uses the third person plural (they). This paper is based on theoretical principles of Discourse Analysis, theory focused not on the contents of the texts, but on how meaning effects has been constituted. From this perspective, we believe that the ideological interpellation and the crossing of the unconscious mean in the way the subject has been moving itself and in the order of discourse.

KEYWORDS: Subject. Discourse. Memory. Identity.

* Professora Adjunto B, do departamento de Letras (DELET) e membro do Corpo Permanente do Mestrado em Letras da Unicentro. Área: Estudos Linguísticos. E-mail: mariacleciventurini@hotmail.com

Considerações iniciais

O objetivo deste trabalho é saber como o sujeito membro do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – representa-se no discurso em que aborda o movimento e temas polêmicos em torno dele, como por exemplo, do assentamento, do qual ele é membro e líder, da sua relação com o governo, dos políticos e do INCRA. Nessa perspectiva, sublinhamos a importância da posição sujeito que ele ocupa, da identificação na formação discursiva dentro da qual ele se inscreve e do lugar de sujeito porta-voz dos assentados, por ele preenchido em algumas formulações. As sequências discursivas de referência recortadas sinalizam que em algumas de suas falas, esse sujeito assume a responsabilidade pelo dizer, usando a 1ª. pessoa do discurso (eu) e, em outras, divide, com os demais membros a responsabilidade pelo dizer, empregando a 1ª. pessoa do plural (nós). Em outras, ainda, distancia-se, optando pela 3ª. pessoa do plural (eles) para referir-se aos membros do grupo. Um exemplo ilustrativo da designação em torno do MST nos é dado por Indursky (1999a), sinalizando que a imprensa e alguns membros desse movimento denominam a mesma ação dos colonos, diferentemente.

A ocorrência de designações distintas não é aleatória, ao contrário, é determinada por identificações, filiações e por interpelações ideológicas e sócio-históricas. Os membros do MST, ao dizerem que “ocupam” terras improdutivas, representam-se como sujeitos engajados politicamente em um movimento pautado na justiça, no direito de ser igual ou semelhante aos trabalhadores do campo ou aos proprietários de terra. Esses sujeitos identificam-se com a forma sujeito da formação discursiva (doravante FD) em que se inscrevem. A imprensa e os proprietários das terras, ao dizerem que os militantes do movimento “invadem” as terras, os representam como “foras da lei”, como aqueles que não respeitam a propriedade privada. Destacamos que, de acordo com Pêcheux (1997) a formação discursiva determina o que o sujeito pode/deve dizer a partir do lugar que ocupa.

Do lugar de onde “olhamos” o funcionamento da formação discursiva o fazemos a partir de Pêcheux (1997) e, por compactuarmos da definição dada por esse autor, dizemos que a determinação das representações do sujeito decorre da inscrição desses sujeitos a três FDs distintas: uma ligada à militância (luta pela terra), outra relacionada a sujeitos para os quais a terra representa “propriedade” (grandes proprietários), e, finalmente, a terceira FD, a do governo, a quem cabe gerenciar, juntamente com o INCRA, as questões da luta pela terra. Indursky (1999a, 176-178) se refere à tripla designação - invasão, ocupação e assentamento - como resultado de três posições-sujeitos assumidas pela inscrição a essas FDs. A primeira sinaliza a FD dos fazendeiros e de parte da imprensa, que são, segundo a autora, aqueles que falam *sobre* o MST. A segunda sinaliza a posição-sujeito do governo, dirigida pelo INCRA e a terceira remete aos membros do MST, que lutam pela distribuição de terras.

O objeto de nossa análise é o discurso de um membro do MST, morador de um assentamento no interior do Paraná, que representa o grupo. O *corpus* é constituído por treze sequências discursivas de referências (SDRs), recortadas de uma entrevista concedida pelo militante, em 2007. Nessa entrevista, ele respondeu a um conjunto de quinze questões, por nós organizadas, em torno da história do assentamento e da relação dos assentados com o governo e com o INCRA do ponto de vista do sujeito que ocupa a posição de líder. A constituição do *corpus* atende ao nosso interesse em refletir sobre os deslocamentos e movimentos desse sujeito e é por isso que recortamos ocorrências em que ele fala “eu”, “nós” e “eles”, pois nosso interesse era pensar em que medida os modos de se dizer/dizer o grupo e de dizer o outro tem efeitos de sentidos que instauram a repetição ou rompem com ela. Importava, igualmente, pensar acerca das modalidades de identificação à forma-sujeito do MST e do assentamento. Para dar conta desses objetivos, ancoramo-nos nos desdobramentos e nas modalidades de identificação do sujeito a determinadas formas-sujeito, referidas por Pêcheux (1997, p. 214-230).

Observamos que o sujeito-locutor fala de várias posições, a partir das quais é possível analisar como ele se representa quando fala em seu nome, colocando-se como responsável pelo conteúdo do dizer, dizendo "eu". Quando se designa como "nós" e divide a responsabilidade do dizer com os membros do MST e do assentamento e, por fim, quando diz "eles", instaurando efeitos de distanciamento e talvez de não-aceitação de determinadas ações ou tomadas de posição do grupo. Destacamos que os conteúdos das respostas não são relevantes para os objetivos a que nos propomos, pois nos centramos no discurso, enquanto "efeito de sentido entre locutores", não como resultado, mas como processo discursivo, designado por Pêcheux (1997, p. 161), como "sistema de relações, substituições, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos – 'significantes' – em uma formação discursiva dada". Destacamos, também, que mantivemos os modos de falar do sujeito entrevistado, pois o nosso foco não é a correção de linguagem.

O trabalho estrutura-se em três partes: na fundamentação teórica mobilizamos as noções a partir das quais serão analisadas as seqüências discursivas de referência. A segunda parte comporta as análises e, na terceira, buscamos estabelecer as regularidades discursivas, respondendo à questão da representação do sujeito membro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Fundamentação teórica

A Análise de Discurso, tal como foi concebida por Pêcheux, na França e por Orlandi, no Brasil, tem como objeto de estudo o discurso, o qual, segundo Orlandi (2002, p. 62), "se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual os discursos podem ser recortados e analisados em estados diferentes". Com isso, salientamos que há no *corpus* recortado um sujeito locutor, mas que o seu dizer inscreve-se a uma FD que o interpela e determina

o seu dizer a partir da identificação ao sujeito universal dessa FD, que contempla a memória do dizer.

O sujeito, nessa perspectiva, é um ser social. A esse respeito, Pêcheux (1997, p. 214) preconiza que “os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam, ‘na linguagem’, as formações ideológicas que lhe são correspondentes”. Diante disso, referenda-se a representação do sujeito a partir das posições por ele ocupadas e pelas filiações identitárias que o constituem. No discurso, o sujeito é representado em seu desdobramento constitutivo por dois termos: o sujeito-locutor ou sujeito da enunciação, responsável pelo dizer, e o sujeito universal, definido como sujeito da ciência ou equivalente. Para Pêcheux (1997, p. 214),

[...] esse desdobramento corresponde a rigor, à relação [...] de pré-construído (o “sempre-já” aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu sentido sob forma da universalidade – mundo das coisas) e articulação ou discurso transversal (que, como dissemos, constitui o sujeito em sua relação com o sentido, isto é, representa no interdiscurso aquilo que determina da dominação da forma-sujeito).

O mesmo autor (1997, p. 215) salienta que o desdobramento decorre de duas *modalidades* da tomada de posição – a do bom sujeito e a do mau sujeito. A primeira resulta de sua identificação com o sujeito universal e reflete espontaneamente o interdiscurso, na forma do “livremente consentido”. A segunda, designada contra-identificação, ocorre pela ação do mau sujeito. Nessa modalidade, o sujeito da enunciação não aceita as posições do sujeito universal, o que provoca um distanciamento, mas não o rompimento com a FD. O questionamento em relação aos saberes pertencentes à Formação Discursiva, com as quais ele não concorda inteiramente, encaminha para sentidos polissêmicos e sinaliza para os movimentos do sujeito e para a porosidade das FDs. Indursky (1999 e 2008) retoma Pêcheux e salienta que a contra-identificação é um trabalho do sujeito do discurso sobre os dizeres e sobre os sentidos que são próprios à FD que o interpela. A contra-identificação institui

uma forma de resistência à forma-sujeito e ao domínio de saber da FD organizada pelo discurso. Essa segunda modalidade traz para o interior da formação discursiva o discurso-outro, a alteridade, a heterogeneidade e a possibilidade de divisão do que determina o sujeito do saber.

A essas duas modalidades de identificação Pêcheux (1997) introduz uma terceira: a desidentificação. Nesta, o sujeito da enunciação rejeita os saberes constitutivos do interdiscurso e busca identificações com formações discursivas do tipo novo, as quais Pêcheux (1997, 217) designa “dispositivo de experimentação-transformação-históricas”. Por esses procedimentos de identificação, podemos dizer que ocorre a relativização da concepção de sujeito unitário e da formação discursiva homogênea. As modalidades de identificação com a memória discursiva encaminham para as representações do sujeito e para deslizamentos de sentido. Ainda de acordo com Pêcheux (idem, p. 153), o sujeito constitui-se pela evidência elementar de que “você e eu somos sujeitos [...] e isso é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar”, que determina as formas como o sujeito se vê e também como vê o outro.

Em relação ao sujeito do discurso, Pêcheux (1997) destaca que ele é assujeitado ao ideológico e atravessado pelo inconsciente, e explica a relação-sujeito inconsciente pelos esquecimentos constitutivos da forma-sujeito, denominados de esquecimento nº 1 e de esquecimento nº 2. Por esses dois esquecimentos, o sujeito tem a ilusão de ser a fonte do dizer, o qual não pode ser outro. Orlandi (2002, p. 35) lembra que o esquecimento nº 2 “é da ordem da enunciação” e se refere ao modo como usamos as palavras. Trata-se, de acordo com a autora, de uma “ilusão referencial”, isto é, a ilusão de que há uma relação direta e natural entre as coisas, o pensamento e o mundo. O funcionamento da língua em torno desse esquecimento realiza-se pelas paráfrases, que constituem outras formas distintas de dizer a mesma coisa, procedimento que, segundo Pêcheux (1997), altera o sentido. Dizer de um jeito e de outro implica deslizamentos, rupturas, falhas, sinalizando, portanto, para a não transparência da linguagem e também para o imbricamento das

formações discursivas, imaginárias e ideológicas na constituição do sujeito e dos sentidos a partir da análise discursiva.

O esquecimento no. 1 é definido por Orlandi (2002, p. 35) como o esquecimento ideológico, “da instância do inconsciente e resulta do modo como somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento, temos a ilusão de que somos a origem do que dizemos, quando apenas retomamos sentidos pré-existentes”. Na verdade, os sentidos se representam como tendo origem nos sujeitos, mas “são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam, não pela nossa vontade” (idem 35). Por meio dos dois esquecimentos, portanto, podemos pensar a inscrição dos sujeitos à formação discursiva que regula o que *pode* ou *deve* ser dito, mas convém que não seja dito no âmbito de uma determinada formação discursiva ou ao contrário.

A formação discursiva é, nas palavras de Pêcheux (1997, p. 160), “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]”. Indursky (2007) retoma o fundador da teoria da subjetividade não-subjetiva do sujeito, sublinhando que a FD representa um domínio de saber em que por meio de enunciados discursivos há a representação de uma forma de relação com a ideologia em funcionamento. Isso significa que as representações do sujeito relacionam-se a essa ideologia, porque é a partir dela que o sujeito se reconhece. Assim, a FD é o princípio organizador das regularidades e das repetibilidades constitutivas dos discursos.

Para Pêcheux (1997, 147), “o próprio de toda FD é dissimular, na transparência do sentido que aí se forma [...] o fato de que isso ‘fala’ sempre, antes, fora, ou independentemente.” Os sentidos possíveis no interior da FD dependem do interdiscurso, lugar em que se constituem, para um sujeito enunciativo de uma sequência discursiva dominada por uma FD determinada, os objetos dos quais ele se apropria e elege como objetos de seu discurso. O locutor articula no intradiscurso a relação entre os objetos do discurso, de

forma que as sequências discursivas enunciadas no texto sejam coerentes com o discurso a que se filiam.

Nesse funcionamento, é importante salientar que as FD's não são homogêneas, isto é, elas não são fechadas. O sujeito não se identifica de forma estanque com uma FD, ao contrário, ele reconhece e pode estar interpelado por mais de uma forma-sujeito. O que se tem é a ilusão da unidade do sujeito, fazendo esquecer a heterogeneidade decorrente da alteridade mais precisamente da interferência do outro com "o" minúsculo – o interlocutor - instaurado na instância do discurso (fio do discurso) pelo movimento da língua na história, e do Outro com "O" maiúsculo - o inconsciente - que atravessa e põe em movimento a contradição materializada e linearizada pelos atos falhos e pelos desejos de completude, constitutivos do sujeito, no discurso. Com isso sinalizamos, centrados em Pêcheux (1997), para a impossibilidade de identificação plena, apesar de o sujeito constituir-se por essa ilusão.

O discurso analisado é um discurso político, no qual o sujeito fala em nome dos assentados, é o seu porta-voz, isto é, fala em nome *de*. Essa noção foi empregada por Conein (1980) na descrição de um acontecimento político, em que o objeto de análise são os arquivos políticos da Revolução Francesa, com o objetivo de ilustrar os paradoxos desse discurso. O sujeito porta-voz funciona, nessa perspectiva, como "um agente coletivo em movimento", que exerce duas funções enunciativas: a de agente enunciativo (aquele que fala no lugar de) e de agente a quem é atribuída uma ação (como povo).

Pêcheux (1990, p. 17) retoma esse conceito em relação à Revolução Francesa, à Revolução Socialista e às Revoluções do Século XX, e define o porta-voz como um agente que exerce a função de ator visível, que "se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. [...] que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um "nós" em formação [...]". O sujeito porta-voz circula entre três posições: a de profeta, a de dirigente e do homem de Estado,

constituindo-se como o agente de contradições e de deslocamentos, porque circula entre o mundo existente e a possibilidade de “um outro mundo”.

Indursky (2002) enfoca o sujeito porta-voz e sua função enunciativa no discurso *sobre* o MST, destacando que ele lhe dá visibilidade, mas não relata a fala do militante do movimento. De acordo com a autora, ele fala em nome dos integrantes do movimento, mas assume o dizer, colocando-se como mediador. Ainda em relação ao sujeito porta-voz, Zoppi-Fontana (1998, p. 79), diz que ele comporta

[...] a relação do enunciador com o grupo enunciatário por ele representado. Estas operações produzem a contradição constitutiva do funcionamento discursivo da figura do porta-voz, que se caracteriza por um movimento pendular de inclusão (como ator participante) e exclusão (como testemunha do acontecimento) do porta-voz do/no grupo do qual ele é o centro visível. (ZOPPI-FONTANA, 1998, p. 79).

A dupla visibilidade de que trata Zoppi-Fontana destaca-se pelo fato de o sujeito porta-voz ocupar um lugar institucional e por, imaginariamente, ser detentor de saberes ausentes nos demais sujeitos. O sujeito porta-voz, nesse funcionamento, não é uma testemunha privilegiada, mas possui um *excedente imaginário* (Zoppi-Fontana, 1998, p. 128), que lhe permite interpretar os fatos e assumir posicionamentos em relação a eles. Segundo a autora, a expressão “excedente imaginário” significa ser detentor de uma visão mais abrangente, sinalizando para o fato de que o sujeito porta-voz, pelo lugar que ocupa “vê mais”, se legitima e é autorizado porque se identifica com a forma-sujeito da FD, que determina o que pode e deve ser dito desse lugar. Com isso, em relação aos sujeitos que representa, assume uma atitude doutrinal, que constitui no intradiscorso, efeitos de verdade e de autoridade.

Análise do *Corpus* e discussão dos resultados

Recortamos o discurso do sujeito do MST, líder de um assentamento em uma cidade do interior do Paraná em treze sequências discursivas de referências¹, selecionadas a partir de uma entrevista, cujo foco era a história do acampamento e do movimento. Percebemos, inicialmente, que ele se representa num primeiro momento como “eu” (em sete sdrs), noutras como “nós” (cinco sdrs), partilhando responsabilidades e, noutras, ainda, como “eles” (uma sdr). Essas representações relacionam-se às formas de identificação do sujeito com a FD que o domina.

Iniciamos a análise com a ocorrência mais frequente, em que ele assume a posição de locutor e se representa imaginariamente como a origem do dizer. Interessa-nos o lugar que ele ocupa e a sua posição-sujeito nesse discurso, bem como os efeitos de sentido dessas representações, que parecem lógicas, porque são saturadas pelo trabalho da ideologia na língua. Se ele é “eu”, os demais assentados são “eles”, ou seja, não falam, são “falados”, mas quando diz “nós”, divide com os demais militantes, a responsabilidade pelo dizer/fazer. Há, ainda, uma terceira representação, da qual ele se exclui. Nessa, diz “eles”, colocando-se como narrador de acontecimentos, distanciando-se, o que equivale a dizer que fala “deles”, como se não fizesse parte do grupo.

As questões dirigidas tratavam da mística - prática para introduzir as reuniões do grupo (espécie de ritual) - da relação com o INCRA, do que significa morar no assentamento, das dificuldades de viver acampado, do papel que ele assume diante do grupo, da relação com o governo e com a sociedade e, também, de acontecimentos singulares em relação ao movimento. Diante dos modos pelos quais ele se representa, é importante pensar em qual deles ele se fala em nome do grupo, colocando-se como sujeito porta-voz.

¹ Numeramos as sequências discursivas de 1 a 13 e destacamos os recortes por meio do itálico. Não nomeamos o líder e nem o acampamento porque entendemos que isso não é relevante para os objetivos propostos.

Representação do sujeito como “eu”

No discurso, o sujeito-locutor representa-se com mais frequência como “eu” e assume a responsabilidade pelo dizer, como sujeito porta-voz, que ao mesmo tempo representa o grupo e fala em nome desse grupo. Por meio desses recortes, buscamos os efeitos de sentido dessa representação e o que isso significa em termos de identificação desse sujeito com os demais assentados.

Sdr 1: fiquei mais atento aqui na comunidade onde eu moro;

Apesar do pronome “eu” estar oculto, a conjugação do verbo “fiquei” indica a primeira pessoa, portanto, “eu”. Nessa sequência discursiva, o sujeito integrante do MST atribui a si mesmo a preocupação com o assentamento, o qual denomina “comunidade”. Nessa sdr, ele é o sujeito da enunciação. Há um recobrimento entre ele e o sujeito da FD que o assujeita, isto é, ele mora na comunidade e fica “atento” a ela. Coloca-se como o porta-voz e fala em nome dos sujeitos que lá vivem, constituindo o efeito de sentido de que se identifica ideologicamente com a comunidade da qual faz parte. Esse efeito de sentido se dá pela ênfase do sintagma “onde eu moro”.

Ele situa bem o espaço com o qual se identifica, dizendo “aqui” é o assentamento. Quando diz “fiquei mais” mostra que antes se preocupava com a questão da reforma agrária em nível nacional e não local. Podemos dizer, a partir dessa sdr, que o sujeito locutor se representa como liderança comunitária e que por ele passam as decisões e as responsabilidades, em torno do assentamento e do movimento dos assentados. Ele é o porta-voz do grupo e se coloca entre os assentados e as instituições. Constitui-se, como diz Pêcheux como um “nós em formação”, porque ao dizer “eu”, retornam no eixo da formulação, os demais membros do MST. Ele possui o “excedente imaginário”

de que trata Zoppi-Fontana (1998) e aplica esse excedente na atenção que dispensa ao lugar onde mora e aos problemas que enfrenta.

Sdr 2: Eu muitas vezes trabalhava também de noite e tirava o mesmo preço do dia. Quem trabalha de noite tinha que ganhá hora extra... Você trabalhava dez horas a mais lá e ganhava a mesma coisa. Eu era piá naquela época. Daí meu pai pra sustentá nós tinha que trabaia de carpintero, às vezes ficava até 15 dia, até um mês, dois. Chegava em casa pra sustenta 12 boca, que nós era em 12 pra come. [...] Nossa vantagem é ter a terra, porque o pouco que planta lá, dá né... a vantagem seria assim, se você for querê um recurso tem que corre atrás.

Essa sdr dá visibilidade ao passado, ao modo como o hoje assentado vivia antes, como trabalhador. Mesmo dizendo "eu", a narrativa sinaliza para os demais. O sujeito representa-se como um líder identificado com as minorias oprimidas e com essa fala justifica sua identificação com a luta empreendida pelos trabalhadores Rurais Sem Terra. Autoriza-se a representar e a falar em nome do grupo, sinalizando para a desidentificação com a FD do governo e também dos proprietários de terra, os quais, segundo ele, exploram os trabalhadores. Quando fala do "antes", traz para o intradiscurso a sua família e constitui-se como um sujeito clivado por mais de uma FD, a qual é heterogênea por comportar mais de uma forma-sujeito. Indursky (1999a), em seu trabalho *sobre* o discurso do MST e *sobre* o MST assinala que a representação desse sujeito como "invasor" é corrente na FD do governo e também na FD dos proprietários de terra. No entanto, o sujeito integrante do movimento representa-se como "oprimido" e "explorado", o que justifica a resistência e a luta pela posse da terra e também o que chamam de "ocupação" e que na FD do governo é designado como "assentamento".

A narratividade constitutiva dessa sequência o inclui como "participante" na luta como membro e, também, como o sujeito que está visível, fazendo reivindicações em seu nome e em nome daqueles que ele designa "companheiros". O testemunho de que realizou trabalho noturno e não recebeu

mais por isso, como seria de "direito", o autoriza a estar à frente do movimento. Nesse sentido, o "eu" representa um "nós", a inclusão em um movimento de luta, e, ao mesmo tempo, a justifica, pois "se você querê um recurso tem de correr atrás", nas palavras do sujeito porta-voz. Ele inclui os demais quando utiliza o pronome possessivo "nosso".

Sdr 3: Olha, não acompanho muito assim. A questão do INCRA... ele tá ali tipo compadre... eu tava falando outro dia pros companheiro que nós têm que cobra mais do INCRA porque tem muita coisa encaminhada mais tá parado...

Quando fala do Incra, o sujeito-locutor coloca em primeiro lugar o seu nome, mas logo inclui os "companheiros" (modo como ele designa os integrantes do movimento que vivem com ele no assentamento), representando-se como identificados à FD cujos saberes eles, como assentados, aceitam. O INCRA é uma instituição que regula as questões referentes à Reforma Agrária e, institucionalmente, deveria funcionar como o órgão de apoio aos assentados, responsável pelas negociações. Entendemos que o líder dos assentados se contraidentifica com a FD do Incra, apesar de perceber a lentidão dos trabalhos da instituição e de vê-lo no lugar de "compadre", isto é, aquele que convive, mas está distante, permanece nessa FD. Há o confronto, a divisão, o "mas" próprio das FDs heterogêneas e de sujeitos divididos, clivados, mas não chega a ocorrer a ruptura. Essa divisão se materializa nas tomadas de posição frente aos saberes inscritos na formação discursiva em que o líder e os demais assentados se inscrevem. O sujeito se representa aqui como "aquele" que vê e solicita ação dos companheiros. É o líder. A palavra "compadre" faz trabalhar o espaço de memória da família, da aceitação, do "faz de conta que não vê", cujo papel não seria dessa instituição, cuja função é defender os direitos daqueles que buscam a divisão da terra e a solução para os encaminhamentos em relação a isso.

Sdr 4: Aí já fui convidado pra organiza um grupo em Manguerinha, mas esse convite partiu de quem tava acampado ali. Mas fomo se organizando, o pessoal dali e os político falaram pra se organiza mais pra tomá terra. Já começô uma confusão ali. Vi então que não era somente "tomar" dos outros, tinha que se organizá também nós. Então começamos a se organizá, participá dos encontros, tanto da igreja quando do movimento, que na época nem era movimento, eram grupos, tinha no norte, no oeste, sei que eram os maiores grupos daquela época.

Nessa sequência discursiva, o sujeito integrante do MST relata como passou a fazer parte do movimento e revela que se assujeitou às regras. De acordo com Pêcheux (1997), o sujeito é interpelado pelo ideológico e pelo inconsciente, mas pensa que é livre, origem do seu dizer, esquecendo-se da memória que o constitui. Esse sujeito coloca-se como porta-voz do Movimento Sem Terra, sustentando que o objetivo do movimento não é "tomar" terras, mas se organizar para "ocupar". O seu discurso como enunciador, que diz "eu" e que é responsável pelo conteúdo do dizer, conforme salientamos nas fundamentações teóricas, identifica-se com o sujeito universal e funciona como interdiscurso, como pré-construído que atualiza o dizer e que de certa forma regula o que pode/deve/ser dito/ser feito pelo sujeito inscrito na FD do MST.

No entanto, ele usa a palavra "tomá" referindo-se à invasão de terras incentivada pelos políticos, sinalizando que, politicamente (entendemos que esses políticos são os de extrema-esquerda), o movimento funciona como o palco da "revolta", por assim dizer. Quando usa a palavra "confusão", o líder sinaliza para uma desorganização e destaca a sua não-aceitação, dizendo que "não era somente 'tomar' dos outros tinha que se organizá também nós", sem depender exclusivamente dos políticos. Para ele, "tomar a terra" significa "confusão". Da posição de líder, entende que eles devem "ocupá-la", legitimando, com isso, a luta dos representantes do movimento. A ocupação funciona como uma forte pressão organizada, planejada, que poderia impulsionar a ação do governo no sentido de desapropriar, o que configura a

prática política do movimento. Os efeitos de sentido do uso de uma palavra pela outra são evidentes, pois a palavra "tomar" os filia a invasores, enquanto "ocupar" remete à luta, ao direito *a*, que os move.

Sdr 5: É, eu... a gente... eles ajudam um pouco, colaboram, mas vejo assim que só conseguimos as coisas quando damos uns pegas, senão não vai... nósis tamo aí na escola Herbert trabalhando.

Essa sequência diz respeito à relação dos assentados com os políticos e com o governo. O sujeito enunciativo usa o pronome "eles" para falar daqueles que 'estão fora' e que por serem políticos deveriam ajudar, mas só o fazem se os integrantes do movimento exigem isso deles. Nessa sequência discursiva de referência, o líder se caracteriza como o "bom sujeito" e da posição que ocupa referenda o discurso do sujeito universal da FD que determina o que "ele pode e deve dizer" pela inscrição na FD do MST. Como líder do MST, não pode ir contra os princípios da resistência ao instituído, por isso, aceita esses princípios e conclama os demais membros a se organizarem, porque o líder sozinho não faz nada. Defende a resistência, "a pressão" em relação ao governo e aos proprietários de terra. Este é outro exemplo de adesão total ao movimento e da modalidade de identificação cega à FD que o domina e o assujeita e à contraidentificação em relação aos políticos, mesmo os da extrema esquerda e o INCRA.

O "eles", no seu discurso, representa os políticos e o INCRA. O efeito de sentido do uso do pronome "eles", sinaliza para um distanciamento entre as lideranças do movimento e aqueles que deveriam defendê-los. Esse pronome (eles) representa a não-pessoa no discurso, aquele que é falado, mas não participa da enunciação. As reticências remetem para a hesitação, para a dúvida ou talvez para a escolha das palavras mais acertadas para dizer. O líder antecipa-se ao interlocutor, aquele que o entrevista, e "sabe" que uma palavra

mal colocada pode comprometer o movimento ou talvez o imaginário que se constitui em torno dele e daquilo que defendem.

Sdr 6: Então... eu acho que o discurso de que o homem é superior não é certo, lembra a hierarquia que tem que obedece, e não é assim, acho que é família!

Esta resposta se refere à questão sobre a possível superioridade masculina e para o papel da mulher na família e na luta pela terra. Ao utilizar a primeira pessoa - "eu" -, o assentado, da posição de um movimento de resistência, rejeita a FD que imperou milhares de anos na História, segundo a qual o homem é mais importante do que a mulher. Mas quando fala em hierarquia, ocorre a tensão: se há hierarquia, é porque alguém "manda". Esse dizer instaura o deslizamento de sentidos, a ruptura, os furos constitutivos do discurso. O sujeito-locutor, no fio do discurso, diz algo, mas a materialidade desse mesmo discurso encaminha para o que é silenciado, mas que significa pelos efeitos do pré-construído, o que significa antes em outro lugar e retorna. O efeito disso, é que esse sujeito, antes de ser "liderança", se inscreve na FD do masculino e é interpelado pela FD da sociedade patriarcal. Diz que não há "hierarquia", mas a existência dessa hierarquia é negada, significada pelo funcionamento do silêncio, do não-dizer que instaura sentidos outros. Ao representar as minorias, ele se identifica com as mulheres, não porque quer, mas porque a FD com a qual se identifica determina assim.

Nessa resposta, observa-se o funcionamento da FD heterogênea, permeada por outras FDs constitutivas do sujeito dividido, que ocupa uma posição, mas sofre influências de outras posições e lugares, à medida que, de acordo com Courtine e Marandin (1981), as FDs possuem fronteiras que se deslocam, o que sinaliza para o seu não-fechamento. A palavra "família", de um lado, sinaliza para a aproximação com o domínio do religioso e para a influência da Igreja nos movimentos sociais brasileiros, especialmente no MST. Em relação à família, há discursos do religioso que retornam e dão conta de que a

mulher obedece: nas relações entre homem e mulher, ela é submissa. Assim, dizer que no MST há uma família, pode também significar que as mulheres obedecem, assujeitam-se à FD familiar e identificam-se aos saberes constitutivos dessa FD. De outro lado, instaura o confronto, tendo em vista que, normalmente, os sujeitos que se inscrevem nos movimentos de resistência concebem a família como um aparelho ideológico, de controle.

Sdr 7: Não é uma questão de aderir, mas... é um apoio que precisei... apoio. Se você é uma pessoa que fica de braço cruzado você vai ficar lá atrás, mas se você pensa segue em frente, a gente entende isso.

Nessa seqüência, entendemos que o sujeito do discurso pensa no apoio que recebeu dos políticos e do INCRA. Há uma tensão entre a "adesão" e o "apoio", a qual pode ser percebida pelo "mas", que coloca no fio do discurso duas afirmações que se contradizem e instauram o equívoco. Nessa formação discursiva, o líder se identifica como a FD do Movimento Sem Terra, "aderiu", mas precisou de "apoio" sinalizam para aceitação e não para resistência. Segundo Pêcheux (1997, p. 161), "a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, isto é, na qual ele é constituído.". O líder do MST é identificado como o "mau sujeito", porque não aceita totalmente o assujeitamento, e, apesar de permanecer na mesma FD, instaura o confronto porque tem que aceitar certas atitudes, dentre elas a adesão e apoio, mesmo não concordando com isso.

Nas sete seqüências discursivas em que o sujeito locutor da FD do MST se representa como liderança, como incentivador e apoiador da luta pela conquista das terras, ele se constitui como "bom sujeito". O mesmo ocorre quando fala do lugar de líder dos companheiros. No entanto, quando fala do INCRA, ele se contrai-identifica, dando visibilidade ao confronto. Conclui-se que se enuncia em seu discurso como "eu" e está se identificando com o grupo no

qual está inserido, pensando ser a origem do dizer. Funciona nessa sdr, o esquecimento nº. 2, da ordem do inconsciente, sinalizando que o sujeito-locutor tem a ilusão de ser a origem do dizer, e que as palavras e proposições têm origem nele. Com isso, esquece que "a memória discursiva – sustenta o dizer em sua estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas, que vão construindo uma história de sentidos", de acordo com Orlandi (2002, p. 54).

Representação do sujeito como "nós"

Recortamos, em relação à representação do sujeito como "nós", cinco sequências discursivas de referência. Buscamos saber em relação a isso, em que situações ele se representa coletivamente, se há repetições e também quais são os efeitos de sentido desse funcionamento no fio do discurso. Retomamos, também, a questão inicial da representação e da identificação.

Sdr 8: porque nós tivemos que acampar; e representa os políticos (eles): As lideranças apostaram mas não deu certo. E teve a complicação dos político porque... como é um assentamento grande e... o número de votos vamo dizer pra comunidade ...

Quando o sujeito líder deixa de referir-se a si próprio no discurso e se representa como "nós", há divisão da responsabilidade pelo dizer. Ele continua sendo o locutor, mas não é o único responsável pelo que diz. Os demais membros do assentamento "falam" na fala dele e com ele. Ele não representa juridicamente os liderados, mas é o porta-voz, o mediador, que se coloca entre os demais assentados e as instituições das quais reivindica alguns direitos. Há a inserção de todo o grupo dos trabalhadores Rurais Sem Terra. Percebemos, no discurso do MST, a configuração de ideologias de sujeitos para sujeitos, que se adaptam, conforme as necessidades, com o tempo.

No momento de falar dos políticos e da esperança neles depositada para resolver as questões do grupo, o líder se desidentifica, distancia-se, dizendo "eles". Fala das lideranças e não dele, enquanto líder. Nessa sdr, o sujeito-

locutor vinha se referindo a “nós”, mas rompe com essa regularidade, sinalizando que ele não é “companheiro em todas as situações”, algumas vezes, ele rejeita a forma-sujeito da FD, que o interpela.

Sdr 9: Nós ganhamo muito recurso quando tamos unido, tamo junto, recurso de leite, de não sei o que, vai se aperfeiçoá através disso. Então... eu por exemplo que moro lá no 116, 117, nós montamo uma associação.

Há, nessa sequência discursiva de referência, a relação eu/nós no que diz respeito aos ganhos com a luta, com a resistência instaura equívocos, mesclando-se as duas formas de se representar, como “eu” e como “nós”. Constituem-se, no eixo da formulação, evidências que sustentam que a luta resulta em ganho, quando há união. Com isso, o sujeito-locutor se identifica à FD que o interpela: a do MST, que prega a luta, a união, a busca pela terra. Ao citar o que eles ganham, mobiliza argumentos de autoridade que trazem para o fio do discurso os resultados da luta. Nessa seqüência, percebemos que há divergência entre os integrantes. Se o líder pede união, é porque nem sempre todos estão coesos em torno de um mesmo objetivo. A necessidade de união e luta levou a formar uma associação. Constatamos, no discurso do líder, que as pessoas formavam grupos, realizavam encontros e participavam da Igreja, reunindo, dessa forma, várias formações discursivas, unificadas em torno da militância ideológica do MST.

Como sujeito porta-voz, esse sujeito aceita/difunde os saberes da FD que determina o que *pode e deve ser dito* desse lugar, assumindo, portanto, em relação aos sujeitos que representa, uma atitude doutrinal, que constitui, no intradiscurso, efeitos de verdade e de autoridade.

Sdr 10: Então sempre sentamos, discutimos, nos organizamos, fazemos e dividimos o lucro sempre em partes iguais.

Nessa sequência discursiva, o sujeito legitima a ação de líder, mostrando que há organização e que há também a divisão dos lucros. O discurso é o do “bom sujeito”, que referenda a FD à qual está assujeitado. Os argumentos usados refletem a projeção imaginária realizada: do lugar que ocupa, o líder “imagina” e se coloca no lugar do sujeito-interlocutor, buscando a aceitação daquilo que diz.

Trabalham, nessa sequência, espaços do discurso religioso que, por um lado, sustenta o dizer, legitimando a prática do MST de dividir e de “sentar junto” e, por outro, sinaliza para a presença da Igreja no movimento, bem como dos discursos que a legitimam e constituem o movimento de efeitos de verdade e de legitimidade. O texto bíblico que retorna é o do Ato dos Apóstolos, em que o pouco colocado na mesa e dividido passa a representar muito. Retorna, por esse funcionamento, o discurso da “mesa sagrada”, em que em comunhão, os homens dividem os seus bens, as suas ideias e ideais. O imaginário que funciona é o da união, melhor ainda, da comunhão entre todos.

Sdr 11: Nós não queria saí de lá. Em toda parte que a gente foi a política sempre tomando posição, e lá nós tava mais ou menos bem, mas foi lá que começô os problemas. Daí eu vim trabalhá aqui, mas sempre acompanhei aqui também.

Nesta sdr, destaca-se a identificação do sujeito com a luta e também que ele “sabe” que há sempre dois lados: o daquele que busca as terras, e o daquele que as defende. Há, também, um terceiro, o do governo, a quem cabe “assentar”. Pêcheux (1997) introduz aos seus estudos a “tomada de posição”, que é o retorno do sujeito no sujeito. O sujeito identifica-se com FD e com a luta. Nessa sdr, há duas modalidades de identificação: a primeira com a forma-sujeito da luta pelas terras e com o movimento, e a segunda, a contra-identificação ocorrida entre o movimento e a militância política.

O sujeito-locutor, enquanto militante que representa a resistência, constitui-se como um sujeito dividido, pois ao mesmo tempo em que atua politicamente, representando o coletivo – aqueles que lutam junto com ele e no grupo - percebe que o “fazer política” traz problemas e como consequência a mobilidade que obriga os sem terra a migrarem de um lado para outro, constantemente.

Sdr 12: era nós que fazia as ação, era nós que conseguia

Nesta sdr, observa-se a identificação do líder com os demais companheiros do movimento, que após breve distanciamento ocasionado por problemas não especificados, muda-se para o município em que está o assentamento. Apesar da mudança e da contra-identificação decorrente do questionamento e da não-aceitação plena da FD, o militante engaja-se nos demais movimentos e auxilia no surgimento de dois dos maiores assentamentos da América Latina, quais sejam os assentamentos Ireno Alves dos Santos e Marcos Freire. Como “bom sujeito”, identifica-se com a FD dos “trabalhadores rurais sem terra” e trabalha para que a luta continue. A desidentificação ocorre com a FD do governo e dos proprietários de terra.

É pelo interdiscurso, enquanto memória discursiva, que são classificadas as modalidades de identificação dos sujeitos à FD. Ela representa as determinações do sujeito universal linearizadas no fio do discurso. Essas determinações ocorrem pelo funcionamento do discurso transversal, em que discursos advindos de outros lugares e de outras FDs atravessam-se, fazendo com que interdiscurso e intradiscurso funcionem como se na linearidade do discurso, não houvesse determinações, nem furos, nem a possibilidade de novos sentidos. De acordo com Pêcheux (1997), o interdiscurso é o exterior específico de uma FD, constituindo-se, assim, por um complexo de Formações Discursivas ligadas entre si.

Diante disso, entendemos que um dos efeitos de sentido constituídos quando o líder deixa de usar o “eu” e passa a usar o “nós” é a divisão da responsabilidade de sua enunciação com os demais integrantes do movimento. Nesse movimento, ancora-se em discursos advindos de domínios do político, do religioso e da família, os quais sustentam e legitimam todo o dizer.

Representação do sujeito como “eles”

A terceira modalidade de representação do sujeito-locutor sinaliza para a presença da não-pessoa, que representa no fio do discurso um imaginário em relação aos outros, dos quais se fala e pelos quais podemos ser falados. O efeito de sentido dessa enunciação é a isenção, o afastamento, a contra-identificação e, às vezes, a desidentificação. A responsabilidade pelo que é dito está fora do locutor. Ele não é mais, pelo menos no fio do discurso, o responsável pelo dizer.

É importante destacar que o efeito de sentido de isenção e de distanciamento não ocorre somente pelo funcionamento da terceira pessoa do plural “eles”, mas também pelo funcionamento do “se”, como índice de indeterminação do sujeito, quando ele não se responsabiliza pelo conteúdo do dizer. Funciona aí a generalização. Seleccionamos apenas uma sdr, o que sinaliza para uma importante característica do movimento que é a de manter “as evidências” de unidade e de homogeneidade das atitudes, simulando uma “normalidade”. Recortamos apenas uma sequência, mas salientamos que o pronome “eles” apareceu em outras sequências, nas quais se mesclam as designações de “eu” e “nós”, que predominam no discurso.

Sdr 13: foi cobrado muito das liderança, foi puxado pra política...

O sujeito integrante do movimento denuncia uma atitude contrária às ideologias do MST, quando alguns integrantes penderam para a política, fato

esse repudiado pelos assentados. Dessa forma, o sujeito integrante refere-se a "eles", referindo-se às lideranças, com a qual ele se desidentifica. O uso da terceira pessoa do discurso aponta para um distanciamento. "Eles" são aqueles que saíram da FD do MST, que se desidentificaram e que, portanto, inscreveram-se em outra FD, talvez a do INCRA ou a do governo.

Nessa sdr, percebemos o funcionamento da contradição, pelo uso do participio. "Foi cobrado" remete para não saber "quem cobrou", quem "puxou" para a política. Tanto podem ser os membros do MST, como os integrantes do INCRA ou do governo. Também não se sabe o que foi cobrado. Talvez tenha sido a militância engajada politicamente.

As reflexões em torno da representação da terceira pessoa e da consequente indeterminação do sujeito-locutor sinalizam para dois fatos: o primeiro é que ele ocorre muito pouco e segundo, que nesse movimento, os integrantes têm dificuldade em "excluir" o outro, aquele que milita junto. A razão disso talvez possa ser atribuída à sua inscrição ao domínio do político e do familiar, cuja legitimidade está na união de todos em torno de um objetivo comum.

Considerações finais

As análises das sequências discursivas de referência recortadas do discurso do sujeito representante do MST e líder do assentamento dos sem-terra sinalizam para a constituição de um sujeito heterogêneo, interpelado por FDs distintas e que coexistem no espaço discursivo. Quando diz "eu", ele se mostra "como o bom sujeito", segundo Pêcheux (1997), sinalizando para uma superposição do sujeito enunciador com o sujeito universal (SU), correspondente ao interdiscurso, ao já-dito em outro lugar. Nesse caso, ocorre uma superposição entre o sujeito do discurso (enunciador) e a forma-sujeito da FD, a memória do dizer, que organiza e delimita *o que pode ou não ser dito* no âmbito da FD, caracterizando o "discurso do bom sujeito" que reflete de forma espontânea o sujeito.

Ao dizer “nós” ele se representa como porta-voz do MST e divide com os companheiros a posição de sujeito-locutor. Em outras palavras, ele não assume sozinho a responsabilidade pelo que diz. Nessa posição, conclama para a união, para a luta, para a resistência. Identifica-se, assim, à forma-sujeito, aos saberes que constituem o lugar que ocupa, isto é, o lugar de líder, a partir do qual o seu dizer só pode ser esse. Desse lugar, ele convida os companheiros para a luta. Essa representação do sujeito faz retornar no eixo da formulação, discursos advindos de domínios do religioso e do familiar, que de um lado autorizam e sustentam o dizer e, de outro, sinalizam para filiações dos sujeitos a instituições, as quais funcionam como uma espécie de coerção, que regula o que pode ou não entrar na ordem do discurso. A terceira forma de representação é aquela em que o sujeito não fala de si, mesmo, nem do grupo do qual faz parte, mas de outras pessoas, representadas por “eles”, que não mais constituem o “nós”. Eles estão fora, pois “puxaram para a política”. Talvez sejam os dissidentes.

Como o que nos interessava era a construção identitária do sujeito membro do MST, para dar conta desse objetivo, retomamos diferentes modos de representação pelos quais ele se representa no fio do discurso. Além disso, defrontamo-nos com a forma-sujeito e com a heterogeneidade dessa identificação, para a qual a entrevista com o sujeito do MST, por possibilitar entender como ele se representa no próprio discurso foi muito importante. Abordamos a FD na teoria e a transferimos para a prática, constatando que ela está submetida ao princípio organizador da ideologia, a qual se move, tendo em vista os deslocamentos e movimentos do sujeito porta-voz do MST, que ora fala em seu nome, ora em nome do grupo e, algumas vezes, se distancia dele, num movimento de desidentificação. Esses deslocamentos e movimentos devem-se aos acontecimentos em relação à luta empreendida e à dominância da luta política referendada ao longo da história de engajamento político do sujeito-locutor, tornada visível nos seus relatos de membro do MST e de líder do assentamento.

Referências

CONEIN, B. Décrire un événement politique. Université de Paris VIII. In: *Le Colloque "Matérialités Discursives"*. Organisé par CONEIN, B. ; COURTINE, J. J. et. al. Nanterre, 24-25-26 avril, 1980.

COURTINE, J.J. Analyse du discours politique (le discours communiste adressé aux chrétiens). *Langage 62*, Paris, juin 1981.

_____; MARANDIN, J. M. Quel objet pour l'analyse de discours? In: *Matérialités discursives*. Actes du Colloque, avril, 1980. Paris X - Nanterre Lille. Presses universitaires de Lille, 1981.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: _____; LEANDRO-FERREIRA, M. C. *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra/Luzzato, 1999.

_____. De ocupação a invasão: os efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1999a.

_____. A função enunciativa do porta-voz no discurso sobre o MST. In: *Revista Anpoll (12)*, São Paulo, 2002.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990.

_____. Delimitações, inversões e deslocamentos. Trad. José Horta Nunes, In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos (19)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 7-24.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3.ed. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

ZOPPI-FONTANA, M. *Cidadãos Modernos: discurso e representação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Revista Organon/UFRGS*. Instituto de Letras, v. 1, n. 161956. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, 2005.

Enviado em setembro de 2011.

Aceito em março de 2012.